

25-01-2022

## AURITHA, A CORDELISTA

**Damiana Pereira de Sousa**

[Professora e pesquisadora de literatura indígena]

Você sabia que mulheres fazem poesia de cordel?

Sabia que há mulher indígena no cordel? Se não, agora irei lhe apresentar. Ela é mulher; é lésbica; é indígena nordestina. Ela é luta e resistência. Ela é Auritha, a Cordelista Tabajara desterritorializada. Seu nome ancestral, Tabajara, assina os poemas, livros e cordéis, povo que se localiza no topo da serra da Ibiapaba, no Estado do Ceará, divisa com o Piauí. Ela é escritora, brasileira, poeta, trabalhadora, contadora de histórias e ativista dos direitos da mulher e da comunidade LGBT indígena. Ela é Auritha, a cordelista. É a primeira cordelista indígena do Brasil. É autora do livro *Coração na aldeia, pés no mundo* (2018) no qual utiliza o cordel e a poesia para reafirmar o protagonismo da mulher indígena na literatura. A poetisa desfruta da força da palavra para ganhar o mundo. Nessa história, a princesa, no entanto, não possui castelo e nem príncipe para lhe salvar do dragão. Tudo é narrado em forma de cordel e com xilogravuras da paranaense Regina Drozina. Todo o enredo se passa no nordeste. Ou seja, seus cordéis contam a trajetória de uma mulher indígena no seu deslocamento do estado do Ceará para o estado de São Paulo. A sua versícula trata de temas como maternidade, gênero e, sobretudo, ancestralidade indígena. O cordel é um gênero brasileiro marcado por figuras masculinas, mas Auritha rompe com isso.

A literatura, para a cordelista indígena, significa duas coisas: a resistência da mulher indígena e a sua autoexpressão. Isso fica claro em sua arte porque tudo, absolutamente tudo, na autora é resistência.

A sua literatura desconstrói estereótipos atribuídos à mulher indígena mostrando a sua força em cada verso.

*Peço aqui, Mãe natureza,  
Que me dê inspiração  
Pra versar essa história  
Com tamanha emoção  
Da princesa do nordeste  
Nascida lá no sertão.*

*Quando se fala em princesa  
É de reino encantado,  
Nunca, jamais, do Nordeste  
Ou do Ceará, o estado  
Mas mudar de opinião  
Será bom aprendizado.*

Como se lê nos versos, o combate a estereótipos atrelados aos povos indígenas, em geral, e ao povo nordestino, em particular, é a tônica do poema. Em outro poema intitulado *Iracema sem Chão*, a autora desconstrói, sobretudo, os preconceitos, as discriminações e as visões “encantadas” sobre as mulheres indígenas que foram elaboradas pela prevalência do olhar europeu. Esse olhar se disseminou na cultura e no gosto brasileiros, inclusive na literatura canônica brasileira.

<i>Minha essência ancestral</i>	<i>Eu não sou como Iracema,</i>
<i>Me encontra cordelizando,</i>	<i>A de José de Alencar,</i>
<i>Em amparo faz-me existir,</i>	<i>Virgem dos lábios de mel,</i>
<i>Ao mundo eu vou contando,</i>	<i>Sem história pra lembrar,</i>
<i>Que minha forma de amar,</i>	<i>Trago comigo a memória,</i>
<i>Ninguém vai colonizar,</i>	<i>Sou Auritha com história,</i>
<i>Da arte vou me armando...</i>	<i>Mulher livre para amar</i>

Neste poema, a cordelista crítica a literatura brasileira do século XIX, isso porque o povo tabajara foi utilizado como referência para a confecção da obra *Iracema* (1865), do autor José de Alencar.

A obra de Alencar é chamada de romance indianista e é considerada um cânone. Contudo, conforme versifica Auritha, a representação da mulher indígena na obra é prejudicial, pois romantiza uma relação de violência entre o colonizador, o homem branco e as mulheres indígenas, vítimas da colonização. A obra de Alencar reforça também o estereótipo de que a mulher indígena não tem lealdade, não tem amor à sua identidade e nem orgulho da sua tradição. Isto é, a mulher indígena retratada na obra *Iracema* é a caricatura do “bom selvagem”, aquela que está pronta para amar e até mesmo morrer pelo homem branco.

.....  
*Sou lésbica, sou indígena,  
Resistindo a violência  
Nordestina, feminista,  
Sou mulher de resistência  
Ao regime a dominação  
Vivo a discriminação  
Desigualdade e persistência.*

A literatura indígena brasileira de cordel carrega o tom de denúncia mostrando o preconceito e a violência contra as mulheres. Por essas e outras, é tão importante conhecer, ler e divulgar a produção literária indígena. Na obra de Auritha, a cordelista Tabajara, há a celebração da ancestralidade, da identidade, da memória do povo Tabajara, pois ao contrário de *Iracema*, a mulher Tabajara não abandona, independente das dificuldades, ameaças e assassinatos, a sua identidade.

.....  
*Esta é minha história  
Tenho muito pra contar  
Feliz eu serei um dia  
Se o preconceito acabar  
Letras são meu baluarte  
Revelo com minha arte  
Um Brasil a conquistar...*

Referência:

TABAJARA, Auritha. *Coração na aldeia, pés no mundo*. São Paulo: Uk'a editorial, 2018.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.